

LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA E FORMAÇÃO DO LEITOR: POSSIBILIDADE OU UTOPIA?

Bianca Cristina Buse¹

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão sobre a pouca alusão à leitura de literatura contemporânea no Ensino Médio, no qual muitas vezes ainda é priorizado o trabalho com fragmentos de obras literárias consideradas canônicas. A proposta de discussão parte da identificação da importância da leitura e de seu papel social, passando pelo reconhecimento dos apontamentos da Estética da Recepção, na valorização do leitor no processo literário, para, em seguida, abordar um panorama geral do ensino de literatura na escola hoje. Na sequência, entra-se na questão do cânone literário *versus* literatura brasileira contemporânea para pensar numa estratégia de abordagem literária mais atualizada no Ensino Médio. Como conclusão, sugere-se que o professor inicie o trabalho com a literatura a partir da leitura de textos contemporâneos, mais próximos à realidade dos alunos, objetivando o estímulo do hábito da leitura e promovendo a formação do leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Literatura Contemporânea; Formação do Leitor.

BRAZILIAN CONTEMPORARY LITERATURE AND READER'S FORMATION: POSSIBILITY OR UTOPIA?

ABSTRACT:

This article proposes a reflection on the little allusion to the reading of contemporary literature in high school, which often also is privileged to work with fragments of literary works considered canonical. The proposal for discussion is the identification of the importance of reading and its social role, through the recognition of the notes of the Aesthetic of Reception, in the valuation of the player in the literary process, to then approach an overview of literature teaching at school today. As a result, one comes to the question of the literary canon versus contemporary Brazilian literature to think of a more literary approach strategy updated in high school. In conclusion, it

¹ Mestrada do Programa de Pós-Graduação em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsita CAPES, com pesquisa em Leitura de Literatura no Ensino Médio e Formação de Leitor. E-mail: biancabuse@yahoo.com.

is suggested that teachers start working with literature from the reading of contemporary texts closer to the reality of the students, thus stimulating the habit of reading and promoting the development of the reader.

KEY-WORDS: Reading; Contemporary Literature; Reader's Formation.

Observando tantas pesquisas e trabalhos que vêm sendo discutidos na academia a respeito da formação do leitor, uma inquietação sobre a leitura de literatura no Ensino Médio desponta de forma acentuada: por qual motivo a literatura brasileira contemporânea ainda não está no centro das leituras realizadas na escola? Já se sabe, como veremos na sequência, que a leitura tem seu papel social na formação do aluno como cidadão crítico; também já é muito discutido que o ensino de Literatura tradicional, baseado em periodização literária, não estimula o aluno à leitura literária e, se a formação de leitor é uma das premissas da disciplina da Literatura no Ensino Médio, por que os professores, já conhcedores de todos esses apontamentos, insistem em trabalhar com o estudo da história da Literatura, com fragmentos de textos e, principalmente, focados apenas nas chamadas obras clássicas, o famoso cânone literário? Se esses mesmos professores criticam essa metodologia tradicional e admitem que ela não forma leitores, por qual razão ainda perpetuam esse disparate?

A proposta de discussão aqui apresentada parte primeiro da identificação da importância da leitura e de seu papel social, passando pelo reconhecimento dos apontamentos da Estética da Recepção – na valorização do leitor no processo literário –, para, em seguida, abordar um panorama geral do ensino de Literatura na escola hoje. Na sequência, coloca-se a questão do cânone literário *versus* literatura brasileira contemporânea para se pensar numa estratégia de abordagem literária mais atualizada no Ensino Médio – que é o alicerce de toda esta reflexão.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA – UMA REVERBERAÇÃO SEM ECO?

[...] é por meio da leitura que podemos formar cidadãos críticos, uma condição indispensável para o exercício da cidadania, na medida em que torna o indivíduo capaz de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar-se com sua própria voz, tomando consciência de todos os seus direitos e sabendo lutar por eles².

² BRITO, 2010, p. 1.

A leitura tem seu papel social, conforme nos aponta Danielle Brito, no artigo “A importância da leitura na formação social do indivíduo”, na medida em que proporciona a abertura de novos horizontes, estimulando a formação crítico-participativa do indivíduo, visando sua transformação social e seu crescimento como cidadão.

Pensando na função da leitura na escola, e na importância da formação do aluno como leitor, entendemos que o professor deve compactuar com essa formação, buscando estimular a capacidade do discente de interagir com o conhecimento de forma autônoma, o que o beneficiará, depois, no cumprimento de seu papel de cidadão, conforme nos aponta Lena Lois:

Se a prática da leitura não está incorporada, o desenvolvimento da cidadania também fica comprometido. Se não se lê, não se pode aumentar o repertório crítico. Sem a crítica, o poder de julgamento fica limitado e a capacidade de intervenção e inserção cultural, também³.

Visualizando a leitura como essa prática social, que possibilita o desenvolvimento do senso crítico e da autonomia, fazemos aqui uma ponte com a Estética da Recepção e com as referências de Jauss,⁴ depreendendo que o processo de valorização do leitor e de seu horizonte de expectativas (suas impressões e seu conhecimento prévio) é fundamental para a compreensão desse processo de leitura de literatura.

Nesse sentido, o efeito provocado pela leitura está vinculado ao conhecimento prévio do leitor, às suas experiências, e é isso que influencia a atualização da leitura de forma diferenciada entre os leitores, pois a recepção da obra não é igual para todos, já que suas histórias de vida também não são as mesmas.

Dessa maneira, a figura do leitor passa ser importante nesse processo de leitura, assim como nos aponta Barthes:

[...] um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que

³ LOIS, 2010, p. 19.

⁴ JAUSS, 1994.

nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino [...]⁵.

E depois de identificarmos a importância que a leitura tem no desenvolvimento do sujeito como cidadão, e que esse leitor tem um papel essencial na literatura, não podemos ignorar outro questionamento: como as aulas de Literatura, no Ensino Médio, têm contribuído para a formação do aluno leitor? Para refletirmos a respeito disso, vamos entender, antes, como é o ensino de Literatura no Ensino Médio hoje.

O ENSINO DA LITERATURA NO ENSINO MÉDIO – FUGINDO DA ÉPOCA DOS DINOSAUROS?

É fácil notar, hoje, seja em conversa com professores e alunos das mais diversas escolas ou analisando as pesquisas e estudos que se debruçam sobre a questão do ensino de Literatura e leitura, que as aulas de Literatura não são, geralmente, apreciadas pela maioria dos alunos do Ensino Médio, aliás, muito longe disso. Grande parte desse grupo discente chega ao Ensino Médio com certa aversão à leitura e à Literatura.

Pensando em como têm se processado essas aulas, muitas vezes na exigência de memorização de uma quantidade enorme de informações “literárias” (características de cada escola literária, dados biográficos de autores etc.), na insistência do confronto do aluno com obras literárias muito alheias à sua realidade e na transformação de uma obra de arte em um mero objeto de estudo, não é difícil entender o motivo pelo qual os alunos de Ensino Médio rechaçam a disciplina de Literatura, entendendo-a como trabalho inútil. É fato que essa prática pedagógica não atinge, em absoluto, o interesse dos alunos e não acrescenta, significativamente, bagagem cultural a esses jovens.

Ainda é preciso lembrar que esse aluno do Ensino Médio, na maior parte das vezes, já não tem mais contato com o texto literário na íntegra, apenas com fragmentos utilizados como exemplões para a compreensão da gramática ou como modelo para elucidar características de determinada escola ou gênero literário, como indica Todorov, em *A literatura em perigo*. Isso contribui ainda mais com o desinteresse do corpo discente pela leitura literária. E o autor assevera:

5 BARTHES, 2004, p. 64.

[...] o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. [...] Para esse jovem, literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública⁶.

Essa “escolarização da literatura” e o despreparo do professor para uma nova concepção de trabalho de leitura afastam o estudante do caminho prazeroso da leitura literária. E, nesse sentido, não podemos deixar de retomar aqui a reflexão de Rubem Alves a respeito do prazer da leitura:

[...] de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer. As escolas produzem, anualmente, milhares de pessoas com habilidade de ler mas que, vida a fora, não vão ler um livro sequer. Acredito piamente no dito do evangelho: “No princípio está a Palavra...” É pela palavra que se entra no mundo humano⁷.

E a grande pergunta que fica é: por que esse panorama do ensino da Literatura no Ensino Médio continua tão angustiante se a maior parte dos professores já tem consciência de todos esses dados levantados aqui? Por que eles ainda insistem em manter a metodologia tradicional de ensino da Literatura, partindo do estudo da periodização literária e fixando as leituras apenas nos cânones literários?

Neste momento, é importante pensar também na questão do professor como leitor, partindo do pressuposto de que para formar leitores é preciso, antes, constituir-se leitor. E, sobre esse assunto tão complexo, Luzia de Maria apresenta seu ponto de vista:

[...] é necessário que o professor seja um leitor [...], um bom leitor. Que tenha uma rica bagagem de leitura. E aqui reside um dos grandes problemas da educação no país, acho que certamente o maior dos problemas: boa parte dos professores que saem das faculdades, formados nos cursos de letras ou pedagogia, ostenta um diploma de licenciatura, mas infelizmente não são leitores.

6 TODOROV, 2009, p. 10.

7 ALVES, 2008, p. 61.

[...] enquanto não enraizarem em suas vidas a leitura como prática emancipatória, a leitura como espaço de conhecimento e experiência, enquanto não se tornarem leitores autônomos, leitores plenos, pouca condição terão de formar leitores em suas salas de aula. Formar leitores deve ser prioridade, porque é uma questão estratégica para o desenvolvimento de um povo⁸.

Como podemos pensar que um professor que não lê pode introduzir seus alunos nesse mundo literário? Como esse docente, não leitor, poderá orientar esse aluno que ainda não possui um repertório de leituras, que não tem referências e, portanto, não sabe por onde ingressar naquilo que, para ele, ainda é algo totalmente novo e fora de sua realidade?

[...] o professor que ‘escolhe’ não ser um leitor da arte, um leitor de literatura, reflete em sala de aula suas opções. Consequentemente, cairá em contradição quando cobrar de seu estudante um posicionamento leitor. O professor que não tem envolvimento com esse tipo de texto anuncia-se como um profissional distante da cultura e restrito à sua ação pedagógica⁹.

Esta questão de *professor não leitor* é bastante polêmica e não nos aprofundaremos nessa análise aqui; todavia, não se pode jogar toda a responsabilidade dessa postura não leitora exclusivamente nas costas dos professores como sendo apenas o resultado de uma escolha pessoal. É necessário investigar as causas desse ‘abandono’, buscar entender por que isso acontece e, ao mesmo tempo, procurar estabelecer meios de recuperação desse professor-leitor.

Dentre as inúmeras possibilidades de identificação das potenciais causas desse problema, destacamos: a deficiência já na formação desses professores, com grades curriculares de cursos universitários bastante ultrapassadas e com a falta de foco na formação desse futuro professor como leitor literário; a falta de reconhecimento e valorização do profissional professor, que reflete na sua motivação; a baixa remuneração que, em alguns casos, obriga o professor a ter um número de aulas muito grande, privando-o de tempo livre suficiente para seu aperfeiçoamento pessoal e profissional; a cobrança penosa de alguns processos seletivos de ingresso em universidades (o temido vestibular), que impõe conteúdos obrigatórios, ainda, ultrapassados ou sem valorização do papel social da leitura.

⁸ MARIA, 2009, p. 160-161.

⁹ LOIS, 2010, p. 76.

De fato, todo esse levantamento é real e influi de forma bastante negativa na constituição do professor leitor; não se pode, entretanto, usar isso como desculpa ou amparo para se permanecer estagnado. É preciso, de alguma maneira, procurar lutar contra esses impasses, estabelecendo propostas que venham a contribuir com o grande objetivo aqui colocado: a formação de leitores.

CÂNONE LITERÁRIO X LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – UMA VERDADE QUE INCOMODA

Conforme nos aponta Luzia de Maria, em seu livro *O clube do livro: ser leitor – que diferença faz?*, “conhecer a literatura é ler a literatura, não é decorar dados e datas a seu respeito”¹⁰. Mas a escola hoje, muitas vezes, deixa de lado a leitura da literatura em si para trabalhar aspectos pontuais do texto:

Em lugar do contato direto e saboroso com a literatura, em lugar de narrativas arrebatadoras, capazes de fisgar o leitor para sempre, entram os estudos literários, a história da literatura, a obra escolhida para exemplificar o estilo de uma época, dados para sempre memorizados e devolvidos nas provas, análises de aspectos linguísticos e outros¹¹.

Antes de nos fixarmos na análise do motivo que leva o professor a continuar trabalhando com uma estratégia didática já considerada ultrapassada, propomos uma breve reflexão a respeito do cânone literário.

O que enquadrados no conceito de cânone literário são obras de renomado valor estético e cultural de uma sociedade. Entretanto, esse conceito é muito amplo e também muito complexo, tendo em vista que teríamos que ter claros todos os critérios de atribuição de valor para então estabelecermos, para cada sociedade analisada, quais obras seriam consideradas clássicas.

Italo Calvino, em *Por que ler os clássicos*, relaciona uma série de propostas de definição para os ditos clássicos e, dentre elas, pontua que “são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram”¹². Ou seja, obras de valor atemporal. Todavia,

10 MARIA, 2009, p. 121.

11 MARIA, 2009, p. 46.

12 CALVINO, 2007, p. 11.

a questão do cânone literário traz muitas controvérsias, principalmente se formos entrar na discussão de como foram estabelecidos os critérios de inclusão (ou exclusão) de obras literárias nessa classificação.

Não estamos sugerindo, de forma alguma, a renúncia do cânone (é evidente a sua importância); no entanto, seria interessante repensar sua abertura, com o estabelecimento de parâmetros menos centralizados, que respeitassem a diversidade e as diferentes tradições literárias.

Em se tratando da leitura do cânone na escola, já houve um tempo em que se pensava que, lendo o cânone, os alunos absorveriam o domínio de uma língua culta – dado este já refutado. Hoje, já há vários estudiosos que apontam para uma abertura maior e mais flexível nessa escolha de títulos, não se fixando apenas entre obras clássicas. José Mindlin, por exemplo, em *No mundo dos livros*, aponta que toda leitura é válida:

[...] a leitura é um mundo de liberdade intelectual. É quase irrelevante que as primeiras leituras tenham, ou não, a assim chamada ‘qualidade literária’, embora obviamente quando a tiverem será preferível. A seleção vem com o tempo, o importante é que as pessoas adquiram o hábito de leitura¹³.

O que se sabe é que a leitura, na escola, dessas obras clássicas da literatura pode, em determinados momentos, deixar de interessar o aluno pelo seu distanciamento tempo/espaço na relação obra/leitor. O jovem, geralmente, identifica-se melhor com textos que trazem algo de sua realidade, pois assim a leitura vai ao encontro de suas experiências.

Numa possibilidade de melhorar esse contexto, visando à formação de leitores, acreditamos que a leitura será benquista pelos alunos se os textos se relacionarem, de alguma forma, com a realidade que os cerca e com seus interesses. Uma vez que consiga se reconhecer e reconhecer “seu mundo” nas leituras propostas pela escola, o aluno poderá encontrar a motivação necessária para vir a se tornar um leitor, conforme comentam Gizelle Corso e Josiele Ozelame:

A leitura de textos por lazer/prazer permite que os alunos estabeleçam relações com outras áreas do conhecimento, extraíndo diferentes conteúdos, fazendo

13 MINDLIN, 2009, p. 17.

diversas conexões a partir de suas experiências do dia a dia¹⁴.

Pensando nisso, uma proposta fundamentada na Estética da Recepção poderia introduzir esse aluno no mundo literário de uma maneira gradativa – primeiro estabelecendo uma relação com o horizonte de expectativa do discente, pelo uso de textos com temática e linguagem mais próximas de sua realidade, para depois, aos poucos, ampliar seu repertório.

Nessa mesma perspectiva, José Luís Jobim aposta numa espécie de “gradação textual” como método de inserção da literatura na vida escolar, de forma a fazer com que o aluno se sinta mais à vontade com os textos e possa, gradativamente, aperfeiçoar e alargar seu horizonte de leituras:

A introdução do texto literário em classe deve sempre ter em conta o universo dos seus receptores, estabelecendo, se for o caso, uma “gradação textual” para trazer ao público estudantil primeiramente o que for mais fácil para ele, para depois, paulatinamente, chegar ao mais difícil [...] a partir do momento que despertamos a atenção do educando para a Literatura, a partir de textos mais “fáceis”, poderemos, com melhor efeito, introduzi-lo no mundo das linguagens mais “difíceis” (por exemplo, a do Barroco), ou no mundo dos temas que não fazem parte (ainda) de seu universo.¹⁵

O dia a dia da sala de aula, principalmente na disciplina de Língua Portuguesa/Literatura, pode se tornar notoriamente desestimulante e massacrante, tanto para o aluno, como para o professor, se não houver a insistência diária no desenvolvimento de um processo ensino-aprendizagem mais interativo e estimulante. O professor precisa sempre buscar novas alternativas de ensino e de inserção do conteúdo aplicado no mundo real para que o aluno possa se motivar com as quebras de rotinas e entender a importância do estudo para o seu desenvolvimento enquanto cidadão.

A partir dessa reflexão, sugere-se que o professor inicie o trabalho com a literatura a partir da leitura de textos contemporâneos, que estejam mais próximos à realidade dos alunos, evitando, assim, aquele bloqueio inicial que se cria ao apresentar a literatura ao estudante a partir de textos do trovadorismo, classicismo, barroco etc. Fazendo um caminho contrário, do

14 CORSO; OZELAME, 2009, p. 72.

15 JOBIM, 2009, p. 117.

mais contemporâneo ao mais antigo, esse professor pode vir a conquistar o aluno e, após certa maturidade de leitura, este terá bagagem para ler uma obra clássica, compreender e apreciar, ou renegar, mas já com argumentos sólidos para isso.

Para tanto, é imprescindível que o professor abandone o preconceito destinado a ‘certos tipos’ de leitura:

Não se deve ter preconceito quando um jovem manifesta interesse por um tipo de livro. Qualquer livro é melhor do que livro nenhum. Um exemplo: a crença de que Jovens se assustam com “livros grandes”, com muitas páginas, foi por água abaixo quando começou o fenômeno Harry Potter. Pode quem quiser falar mal do bruxinho inglês, mas a verdade é que ele fez muitos meninos e meninas perderem o medo de ter na mão um livro de trezentas páginas ou mais. Isso é um feito¹⁶.

Findando esta proposta de reflexão a respeito da formação de leitores no Ensino Médio, trazemos aqui uma citação bastante pertinente, da Professora Tânia Ramos, para pensar o trabalho com a literatura contemporânea em sala de aula:

O espaço da literatura contemporânea é aquele onde o professor mais do que nunca tem que se comportar como leitor. Ele não tem como se valer (ou se repetir) de uma fortuna crítica canônica e canonizadora. Mas ele tem como tentar exercer a sua força interpretadora e o seu potencial criativo no salutar exercício da leitura inaugural. O professor diante de um texto contemporâneo tem, ele mesmo, que responder à esfinge: decifra-me ou te devoro¹⁷.

16 SEIXAS, 2011, p. 9, destaque do autor.

17 RAMOS, 2002, p. 27.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Entre a Ciência e a sapiênci**a: o dilema da educação. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- BARTHES, R. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRITO, D. S. **A importância da leitura na formação social do indivíduo**. *Revela*, ano IV, n. 8, p. 1-35, jun. 2010.
- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CORSO, G. e OZELAME, J. K. C. Escola, leitura, leitores – literatura. **Visão Global**, Joaçaba, v. 12, n. 1, p. 67-76, jan./jun. 2009.
- JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- JOBIM, J. L. A literatura no ensino médio: um modo de ver e usar. In: ZILBERMAN, R. e ROSING, T. M. K. (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.
- LOIS, LENA. **Teoria e prática da formação do leitor**: leitura e literatura na sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- MINDLIN, J. **No mundo dos livros**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- RAMOS, T. R. O. **Literatura contemporânea com(o) disciplina**. Ensaio apresentado no XVII Encontro da ANPOLL, Gramado, RS, julho de 2002. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/154/153>>. Acesso em: 17 ago. 2010.
- SEIXAS, H. **O prazer de ler**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.
- TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.